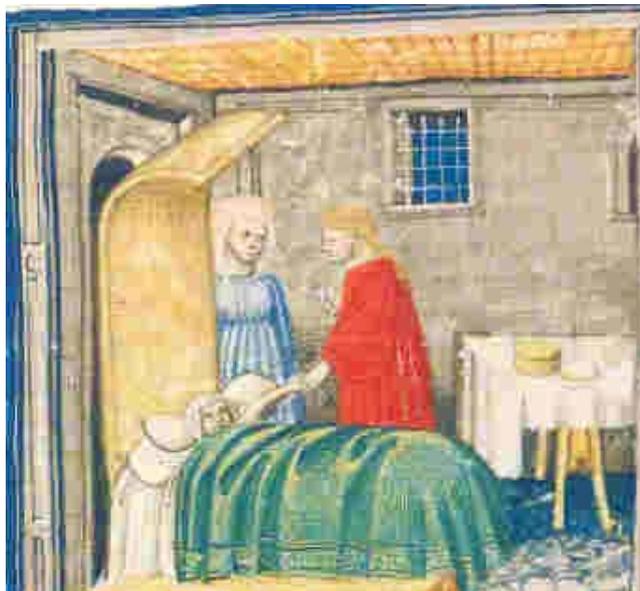


A Assistência



Visita de um médico a um hospital - *Cânon de Medicina*, de Avicena. Biblioteca Universitária, Bolonha. In PEREIRA, Nuno Moniz – *A assistência em Portugal na Idade Média*. [s.l.]: CTT Correios de Portugal, 2005. p. 116.

A partir do século XII desenvolveram-se diferentes formas de assistência aos pobres, aos doentes, peregrinos, especialmente próximo ou no interior dos centros urbanos.

Muitas destas fundações tiveram origem em dotações particulares, apesar dos monarcas não tenham desprezado também o seu papel no fomento destas instituições, que abrangiam três formas básicas: o hospital ou albergaria, a mercearia e a confraria.

Os hospitais tinham como objectivo primordial a recolha, por poucos dias (em regra três) de viandantes e pobres, fornecendo-lhes alojamento e alimento. Em alguns casos, acolhia também os doentes, nomeadamente os gafos, através das numerosas gafarias existentes no reino, como a de Santo André de Torres Vedras, situada próximo da Porta de Santa Ana. A distinção entre albergaria e hospital só modernamente se concretizou, uma vez que tanto o doente como o pobre ou o errante integravam o grupo dos desprotegidos.

As mercearias eram instituições destinadas a receberem indivíduos anteriormente pertencentes a estratos sociais superiores que, dadas certas alterações económicas, se viram lançados na pobreza. O seu acolhimento obrigava-os a rezar pela alma do seu fundador ou fundadores.

Estas instituições eram, na maioria dos casos, de pequenas dimensões, agrupando meia dúzia de camas, em casas que nenhuma diferença arquitectónica distinguia das restantes casas de habitação da vila. Quanto à localização, as gafarias situavam-se, quase sempre, fora do perímetro amuralhado das urbes, de modo a evitar o contágio, enquanto os hospitais tendiam a fixar-se junto a cursos de água e nas proximidades das portas da vila, próximo das vias de maior afluxo ou, no espaço contíguo à igreja invocativa do seu patrono.

Quanto às confrarias, parecem agrupar os membros de um ofício que, sob um intuito devocional, partilhavam laços de vizinhança, hierarquizando e limitando os acessos aos que não eram membros do mester. Entre confrades, praticavam uma solidariedade e apoio mútuos, quer durante a vida, quer após a sua morte. A sua entrada para a confraria fazia-se mediante o pagamento de uma prestação (jóia), sendo o novo membro aceite, na reunião anual do cabido ou da assembleia geral de confrades. Anualmente, estavam sujeitos ao pagamento de quotas, utilizadas na manutenção da própria confraria e no cumprimento dos seus objectivos assistenciais.

Para além da referida gafaria situada na vila, sob a invocação de Santo André, Torres Vedras possuía outras instituições de assistência, destinadas ao acolhimento de pobres e doentes. Entre estas encontram-se as albergarias de Santa Maria de Farpados (com legados desde, pelo menos, 1323) e de São Brás. Algumas, porém, possuíam hospital, como as confrarias de São Pedro da Cadeira, sita em Cambelas, e dos Sapateiros, que detinha o hospital de São Gião desde 1359, apesar de já se encontrar instituída em 1320. Já documentada em 1332, a confraria dos Alfaiates encontrava-se sediada na ermida da Senhora do Amial.

Também no termo torriense, se encontrava a confraria de Azueira, cuja fundação tem sido atribuída à rainha Santa Isabel, com hospital anexo à ermida

do Espírito Santo. Em Çacarias localizava-se outra confraria, A qual recebeu, em 1408, de Urraca Juiães, moradora no Turcifal, a quantia de quarenta soldos.

A par destas, também aqui se instituíra uma confraria de clérigos, talvez a antecessora da Irmandade dos Clérigos Pobres, sediada na igreja de São Pedro, desde data que desconhecemos, mas atestada já em 1481, ano em que D. Afonso V lhe concedeu o direito a possuir um açougue privativo.

Instituições diferentes, mas, em todas, encontramos modos semelhantes de apoio e assistência aos pobres, errantes e doentes, nas quais era possível, através da prática da caridade, encontrar um intercessora do bom cristão perante Deus. Formas diversas de solidariedade social, que ocuparam um espaço social privilegiado, pelo menos até 1520, aquando da criação da Misericórdia de Torres Vedras, também ela uma confraria, na continuidade das demais instituições medievais.

SAIBA MAIS: VILAR, Hermínia Vasconcelos – *A vivência da morte no Portugal Medieval: A Estremadura Portuguesa (1300 a 1500)*. Redondo: Patrimonia Historica, 1995.